

Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

Eu, afro-luso-brasileiro-céptico, me confesso

NELSON SAÚTE

Tenho, ao longo dos tempos, manifestado o meu cepticismo em relação à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (cplp). Não sofro de nenhuma alergia à ideia de comunidade. Antes pelo contrário. A minha opinião pouco entusiástica advém da experiência. Se se quiser, posso mesmo, despindo a modéstia, dizer que sempre fui um dos apóstolos da comunidade entre os países e povos envoltos na capulana da língua.

Como explicar as minhas posições? Não são, como é evidente, produto de algum niilismo de foro intelectual. Resultam de um quotidiano a lutar para que tal exista. Agora, não posso alinhar na primeira fila dos que ousam distinguir-se através da hipocrisia política.

Disse há tempos que entre nós havia um problema político a resolver. É verdade. Toda a gente sabe quais são os terríveis constrangimentos que impedem que os afluentes das nossas culturas corram. Toda a gente sabe que Portugal se perfila cada vez mais dentro dos países que transferem o Muro de Berlim para a fronteira com o Sul. Toda a gente sabe que África no Brasil é contorno de uma caricatura.

Nada tenho contra os portugueses. Nada tenho contra os brasileiros. Não sou maniqueísta ao ponto de considerar que as culpas para o facto de estarmos, ou termos estado, de costas voltadas ao longo destas décadas se deve aos portugueses e aos brasileiros. Nós, os africanos, também participámos da farsa. E temos culpas no cartório.

O meu primeiro livro tinha um título que só a inocência poderia caucionar: A Ponte do Afecto. Nele se entrevistavam alguns escritores portugueses. Na mesa da conversa, as relações entre África e Portugal. É estranho que um debutante proveniente de um país recém-libertado comece a sua carreira tentando compreender a cultura que obliterou a sua? Talvez. Lembro-me que havia em mim esse entusiasmo do encontro. Julgava que a catarse se tinha cumprido. Estava enganado.

Como homem que cumpre o seu destino nas águas da cultura intentei a viagem no sentido do encontro. As fronteiras estão tremendamente encerradas. Os políticos esforçam-se na sua retórica incansável de falar de laços que o tempo se responsabilizou em urdir. É verdade que existem, mas não é menos verdade de que temos vivido de costas voltadas.

Quero apenas pronunciar-me na área da cultura que tem sido o cavalo de batalha desta comunidade. É inenarrável o estado das coisas. Conheço muitos agentes culturais que desejam há muito ultrapassar as talas impostas pela incompreensão mútua e por outro tipo de barreiras, entre as quais as fiscais.

Em 1989, no I Congresso de Escritores de Língua Portuguesa, uma das moções que aprovámos referia-se a um apelo aos governos dos Sete no sentido de despromoverem os pesadíssimos encargos fiscais que sobre os livros do universo da língua portuguesa pendiam. Nada feito. A surdez dos Estados é ainda hoje audível.

Um dos entraves de um maior relacionamento entre os países de língua portuguesa radica nas assimetrias que existem entre estes. Sendo o livro uma mercadoria, a sua circulação em muito depende da indústria que a poderá suportar nestes países.

Sei também que países como Moçambique não têm ainda capacidade de competir em grandes mercados como o português ou o brasileiro. Não vejo, por outro lado, que a nossa relação se tenha que esgotar aí. Mas é importante que equacionemos que a cultura de que tanto falamos tem que ter os dois sentidos. Quando se fala das trocas culturais normalmente discute-se a transferência das culturas centrais para as periféricas. Nunca, ou quase nunca, se fala do inverso.

Pertenço a uma editora moçambicana – Ndjira – que nasceu da vontade de duas margens. A ideia é partilhada por um pequeno grupo de moçambicanos e a Editorial Caminho. Em Setembro colocámos um dos nossos livros no mercado português. Foi a primeira vez que uma editora africana colocou um título seu no mercado do centro. Temos o Brasil e Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe na agenda.

Com isto quero dizer que a ideia do livro – só para dar um exemplo que me é próximo – não se deve esgotar no envio dos livros aos pobres famintos de África. Os africanos – perdoem-me se este discurso cheira a nacionalismo ou outros ismos, não é isso que eu pretendo – têm muito a dizer, designadamente na área da cultura.

Aquando da cimeira de Lisboa que consagrou, preto no branco, a cplp, ideia há muito perseguida por tantos arautos da comunidade, participei em alguns debates e verifiquei que as cautelas em matéria de entusiasmo em relação ao organismo que a capital portuguesa chancelava eram partilhadas por alguns dos meus confrades e patrícios.

Ficou a ideia de que os intelectuais moçambicanos estavam na barricada dos que combatiam a cplp. Nada de mais errado. Pude verificar que muitos dos que comigo comungavam as reservas em relação à cplp o faziam porque eram os primeiros a dar corpo, nas suas diversas actividades, à ideia de uma comunidade entre os povos que no mundo se distinguem por falarem em língua portuguesa.

Mas ser a favor de uma ideia a partilhar em comum não significa ancorar na primeira retórica que se faça sobre os prováveis alicerces dessa mesma ideia. Sou sim a favor de uma comunidade que o seja de facto. Onde não haja membros de primeira e outros de segunda. Desagrada-me a ideia de promover um evento desportivo entre selecções de países que não participam em pé de igualdade: uns com a selecção principal e outros com as esperanças.

Os meus argumentos são básicos: é necessário que se garanta, antes de tudo, vontade política. Depois desta temos que perceber que somos diferentes, mas iguais. Não há proprietários de coisa nenhuma. Os moçambicanos estão a contribuir para a língua portuguesa tanto como os brasileiros, os portugueses como os cabo-verdianos, os guineenses como os são-tomenses, etc., etc.

Os africanos precisam também de perceber que devem estar na comunidade para contribuir. A imagem da mão estendida é injuriosa. Recuso-me a participar dela. Quando, finalmente, as três margens das línguas portuguesas que se falam no mundo encontrarem as razões para que todos se identifiquem, não porque falam a mesma língua mas porque se entendem nas mesmas línguas, estaremos sentados à sombra da árvore da verdadeira comunidade.